ÁGUA VIVA: UM DESAFIO PARA A CRÍTICA

LAURA BEATRIZ FONSECA DE ALMEIDA

A violeta é introvertida e sua introspecção é profunda. Dizem que se esconde por modéstia. Não é. Esconde-se para poder captar o próprio segredo. Seu quase — não — perfume é glória abafada mas exige da gente que o busque. Não grita nunca o seu perfume. Violeta diz levezas que não se podem dizer.

Clarice Lispector

“O que te escrevo continua e estou enfeitada” — com essas palavras Clarice se retira, como sujeito, de uma escrita cuja tessitura se constrói por indagações. Sem fechar o texto, ela dá ao leitor a liberdade de prosseguir-lo. E, assim, *Água viva* se refaz na escrita de outros que, sujeitos de nova indagação, tecem ao infinito a continuidade de uma palavra que está em aberto — “Estou dando a você a liberdade. Antes rompo o saco de água. Depois corto o cordão umbilical. E você está vivo por conta própria” (p.35).

Sinto-me, a um tempo, ameaçada e seduzida na possibilidade de me tornar sujeito de uma escrita incomum. É difícil de antemão perceber como compartilhar esse papel, se o espaço da minha escrita é distinto do de Clarice. Nada me impede, entretanto, de viver a experiência desse texto, deixando-me envolver pela harmonia secreta da desarmonia de quem escreve por querer falar profundo e que encontra na escrita a grande medida do silêncio.

Ao longo de uma obra, Clarice faz do confronto com o “outro” o reconhecimento de si mesma e, no tempo e espaço da ficção, pluraliza-se em personagens, dividindo com elas a experiência de um “eu” que busca se essencializar na palavra. Na aventura com a linguagem, aceita o desafio de superar a própria história, evitando, assim, que sua escrita se cristalice. Em *Água viva*, texto de fragmentos, experimenta o clímax desse projeto de escrita e/ou de vida ao lançar-se como ser etéreo à incógnita do instante para ressurgir em profundo anonimato. No esboço de uma escrita, não tenho ilusão de alcançar o estado de plenitude de Clarice: ainda ensaio confrontar-me com o “outro”, e nesse estágio fica distante um projeto de escrita. Um pouco perplexa com a sua palavra, aceito o desafio de prosseguir-la, devolvendo-a a um outro sujeito como escrita anônima que continua.

Mergulhada na linguagem para desvendar uma experiência de vida à semelhança de Clarice, quero a harmonia de minha palavra com a sua e, por isso, descarto qualquer possibilidade de prosseguir-la num discurso teórico, cujo tom soaria inadequado à melodia de sua escrita — “harmonia difícil dos ásperos contrários”.¹ Envolvida por essa musicalidade — antimeledia para

Laura Beatriz Fonseca de Almeida é professora na Universidade Federal de Minas Gerais.

¹ LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. 7.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d. p.29.

expressar o silêncio — descubro uma fenda — um espaço entre o “eu” e o “mim” — por onde entro à procura do meu próprio espaço. Guiada pelo silêncio da linguagem, convivo com o texto, lendo-o nas entrelinhas — “Ouve-me, ouve meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa” (p.30). E saio desse texto para construir o meu, consciente de que só direi ao outro “aquilo” que me escapa, se puder de fato escrever-me no silêncio da minha palavra.

Enfeitada ou não, sou invadida pela palavra de Clarice e me aventuro ao indizível. Pressinto em sua escritura parte do meu “eu”, como se algo que desconheço estivesse a meu alcance, dependendo apenas de um desejo: o de escrever-me. Impedida, por alguns receios, de dizer *aleluia* logo de início, como o fez Clarice ao proclamar seu ritual, inicio-me na palavra por um pacto entre nossos segredos — “Porque não sei qual é o meu segredo. Conta-me o teu...” (p.66).

Tenho em mãos o fio da meada e escrevo envolta pelo sentimento de que a convivência com esse texto me incomoda muito e me desconforta, à semelhança de minha relação com o mundo — “Vou te falando e me arriscando à desconexão: sou subterraneamente inatingível pelo meu conhecimento” (p.28). A apreensão que me cerca, ao tentar reviver o percurso de uma existência, advém de dúvidas que são muitas; não tenho nem mesmo a certeza se estou pronta para estar junto de mim, ou se tenho forças para me manter em estado de vigília. Nessa convivência difícil, antevejo o medo de tecer uma escritura que, ao juntar fragmentos de mim, exponha-me ao “outro” — “Não vê que isto aqui é como filho nascendo? Dói. Dor é vida exacerbada. O processo dói. Vir a-ser é uma lenta e lenta dor boa...” (p.65).

Permitir-me viver a vida num instante incontável de um presente interdito, arriscando-me a experimentar a dor e a alegria de ser livre, é o que descubro com Clarice. Impulsionada pela constatação da impossibilidade da escrita frente ao real, como a escritora, encontrarei no silêncio da linguagem um caminho para experimentar revelações? Corpo a corpo com a palavra, busca ela, num fragmento de tempo — num instante —, um espaço da sua existência para, nesse espaço e tempo, viver em plenitude a descoberta do tema atemático de sua escrita — “Entro lentamente na escrita (...) é um mundo emaranhado de cipós, sílabas, madressilvas, cores e palavras...” (p.15). Conseguirei eu também transpor o limiar da minha escrita e renascer para a palavra?

A tarefa é árdua e a possibilidade de arrojarmos ao desconhecido, tocando-o, sentindo-o e até mesmo nomeando-o, na aventura de dizer a linguagem e seu silêncio, é algo que me assusta. A cada fragmento de *Água viva*, tenho emoções controvertidas e questiono-me se quero ou não me desfazer da linguagem discursiva com suas certezas e conflitos para optar por uma escrita que vou inventar, usando palavras que há anos fazem parte de mim e constroem sentidos. Sinto-me presa pelas amarras desses sentidos e, assim, tenho dificuldade para lidar com as palavras como matéria-prima e ir com Clarice “atrás do que fica atrás do pensamento”.² Mas junto aos temo-

²Id. Ibid. p.13.

res, há o desejo de experimentar uma situação incomum, de ouvir o chamado do outro lado de mim e estar livre para encontrar a essência da vida — “... atrás do pensamento não há palavras: é-se ...” (p.29).

Aderir ou não ao sujeito dessa escrita depende do rompimento com uma existência cuja história tem passado, presente e futuro. Se for possível, renasço com Clarice para o presente em sua plenitude intangível, vivendo, na singularidade de instantes, a possibilidade de descobrir que, se a verdadeira palavra ainda não foi tocada, é provável que a essência da vida não tenha sido alcançada — “Antes só via através de cortes retos e paralelos. Não percebia o sonso traço enviesado. Agora adivinho que a vida é outra. Que viver não é só desenrolar sentimentos grossos — é algo mais sortilégio e mais grácil ...” (p.70). A vontade de acompanhá-la é tão forte que tenho ímpetos de tomar sua palavra como minha, mas, se tenho consciência de que ver junto não é ver do mesmo modo, ou de que adivinhar a dois não é descobrir o mesmo, preciso antes romper com qualquer história pessoal.

A ansiedade que sinto cada vez que retomo a escrita para continuá-la é sintoma de que qualquer mudança nesse momento passa pela compreensão do sujeito da minha escrita. Percebo que chego a mim, se reformular o modo como apreendo o mundo, pois venho transitando entre perguntas e respostas previsíveis, ou cercada de certezas e de dúvidas que constroem uma história, na qual não há garantias de que eu seja seu sujeito. Quero, a partir de agora, repensar minha existência, confrontar-me comigo e sentir-me como essência capaz de recriar a palavra — “Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada” (p.22).

Passo a exercitar-me escutando e olhando com outros sentidos a vida, revendo verdades e posturas que me impedem de dialogar com o “outro” ou de me expor à imprevisibilidade do fluxo da existência. Entregue a mim, sem a proteção da linguagem do cotidiano, quero fragilizar o equilíbrio do mundo para encontrar-me na minha essência. Angustiadada por essa opção, experimento ser cúmplice de um “eu” que me faz confissões e, mais à vontade, reconheço estar em conflito diante do “aquilo” que desconheço — “Vou te fazer uma confissão: estou um pouco assustada. É que não sei aonde me levará esta minha liberdade” (p.33).

É inevitável o abandono de uma existência já nomeada, se eu me permitir ultrapassar a própria imagem e fragmentar minha história. Assumo a palavra sem a árdua tarefa de perguntar ou responder quem sou eu, pois em estado de comunhão com Clarice encontro espaço e tempo para ensaiar dizer o que desconheço — “não encontro respostas: sou. É isto apenas o que me vem da vida. Mas sou o quê? A resposta é apenas: sou o quê” (p.21). Desejo o irrevelável na aventura de percorrer caminhos obscuros. Troco certezas e verdades por emoções e sensações que vou descobrir quando, ao invés de me defender do “outro”, eu esteja pronta para com ele adivinhar um instante. Vivo a palavra, abalando a harmonia de uma existência e o equilíbrio da minha escrita. Cercada de temores, luto por uma metamorfose, pois intuo que, se não for agora, as chances de eu me entregar a mim são mínimas, já que desvendar uma essência é arriscar existir sem garantias — “Só para os iniciados a vida então se torna fragilmente verdadeira. E está-se no instante

já: come-se a fruta na sua vigência” (p.71).

Refugio-me no texto de Clarice quando me sinto oscilar, pois sua palavra a todo instante me faz levantar a cabeça para ouvir outra coisa, para escutar-me. Descubro o prazer de ler os fragmentos não ao percorrê-los de um fôlego só da primeira à última página, mas tocando ao acaso sua palavra, como se ela de repente me revelasse a incógnita da vida, cuja escritura não tem começo e nem fim — “... deixo oculto o que precisa ser oculto e precisa irradiar-se em segredo” (p.66). Aparentemente soltos, os fragmentos são tecidos por um frágil fio condutor — o da paixão? — o qual desvenda uma existência ao desafiar a distância entre a palavra e a vida.

Atraída pelo sonho de Clarice, percebo-me como sujeito de uma escrita que surge de dentro da escritura de *Água viva*. Cúmplice de seu segredo, deixo-me seduzir por um outro pacto — “Quem me acompanhe que me acompanhe: a caminhada é longa, é sofrida mas é vivida ...” (p.21) — e, a seu lado, permaneço à espreita de que a palavra — isca para pegar o que não é palavra — seja “mordida”. Nessa espera solidária, avalio que ao escrever-me nas entrelinhas estarei dando continuidade à palavra que me iniciou no silêncio da linguagem. No entanto, a cada tentativa tenho o sentimento de impotência, como se fosse impossível enveredar numa aventura sem antes conviver longo tempo com sua idéia.

Sinto que a palavra de Clarice fala de si para que eu fale de mim, mas não consigo prever como e quando estaremos íntimas em nossos segredos. Jogo, assim, com a imprevisibilidade de um vir a ser, na expectativa de um encontro entre mim e eu, e de poder criar-me, estabelecendo com *Água viva* uma relação de adesão. No dilema de uma entrega — do estar face a face — tenho dificuldade para lidar com a minha escrita e, assaltada de dúvidas, continuo exaustivamente procurando uma saída. A palavra de outros leitores me oferece caminhos diversos por onde transito para entender como reagiram ao desafio de Clarice. Seduzidos pela “(im)possibilidade de uma escrita feminina”, ou por um “olhar míope” ou por um “auto-retrato (im)possível”,³ eles continuam a sua palavra iluminados por verdades das quais quero escapar, quando a estou ouvindo captar ecos de si — “Construo algo isento de mim e de ti — eis a minha liberdade que leva à morte” (p.17).

A luz de sua palavra transcende os limites de uma existência histórica, e essa é a grande dificuldade para continuá-la fundamentalmente, se quisermos mantê-la em sua melodia. Desafiada por essa questão, vou à procura de outro texto onde sua palavra é lida pela linguagem da filosofia.⁴ Nesse texto estou mais próxima do que intuo encontrar em *Água viva*, mas a harmonia é outra, não mais dos “ásperos contrários” e sim das doutrinas explicáveis. O grau de insatisfação em que me encontro nas tentativas frustradas de achar um caminho se explica, talvez, pela opção que venho fazendo ao escrever o meu texto: continuar sua palavra e manter sua harmonia. No fundo quero como ela “ser escrevendo” — “... o que estou te escrevendo não é para se ler é para se ser” (p.38) — e, para isso, devo ter forças, assumin-

³Faço referência aos artigos de: Lúcia Castello Branco, Gilda de Mello e Souza e Wander Melo Miranda, citados na bibliografia.

⁴Trata-se do ensaio de Benedito Nunes — *O mundo Imaginário de Clarice Lispector*.

do para o outro que nada sei aqui e agora e que vou-me deixando guiar intuitivamente para descobrir aonde ir — “Ir me seguindo é na verdade o que faço quando te escrevo e agora mesmo: sigo-me sem saber ao que me levará” (p.67).

Tenho a sensação de estar entrando por um túnel quando, nesse momento, estou tecendo meu texto. Diferente de Clarice, que constrói grutas e cavernas para mergulhar em si e dizer a palavra e ouvir seu eco, estou fugindo do próprio espaço que vou construindo, atemorizada pela possibilidade de não encontrar uma saída. Não nego a grande aventura que estou vivendo ao experimentar ler *Água viva* lendo-me a mim, mas a angústia de não sobreviver à amplitude do “aquilo”, que posso desvendar tendo a palavra nas mãos, toma conta de mim impedindo a minha própria escrita. Ensaio escrever-me, percebo-me ameaçada pelo confronto entre o “eu” e o “outro”, como se nesse instante eu experimentasse a descoberta e a perda do meu próprio segredo. Inebriada pela amplitude do que desconheço e que vislumbro ao me abrir para a interioridade do meu ser, vou convivendo com algo novo que me parece incomum: o tudo e o nada. Diante de tal paradoxo, sou impelida a voltar, a fugir do eco de minhas emoções que me atordoam, mas um sentimento mais forte me impede de recuar e me faz escutar a palavra de Clarice e o pacto que fizemos, deixando-me envolver por “isto” que já passo a desejar — “Mas agora quero ver se consigo, prender o que me aconteceu usando palavras. Ao usá-las estarei destruindo um pouco o que senti — mas é fatal” (p.90).

Na imagem que construo como parte da minha escrita, avalio-me lutando para evitar algo que já é inevitável; o que falta é coragem para aceitar que estou convivendo com o outro lado de mim, pois encontrei o “outro” sem me aperceber de tal fato — “será que passei sem sentir para o outro lado”.⁵ Receio assumir que a “transfiguração me aconteceu”, pois, se o fizer, passo a conviver com um segredo — “o que sei é tão volátil e quase inexistente que fica entre mim e eu”⁶ — que se, por um lado, me assusta, por outro, me dá o prazer de sentir continuando a palavra de Clarice. Ao reconhecer-me vivendo de uma palavra que talvez não chegue a compreender, é o suficiente para me sentir vencendo o desafio — “Mas se eu esperar compreender para aceitar as coisas — nunca o ato de entrega se fará. Tenho que dar o mergulho de uma só vez, mergulho que abrange a compreensão e sobretudo a incompreensão” (p.69).

Invasa pela tranquilidade de quem descobre que constrói o futuro no presente que experimenta — “o que vai ser já é” —, deixo de lado tantas questões que até então me impediram de viver o instante em sua plenitude. Para não perder mais tempo, abandono a idéia de encontrar a “saída do túnel”, compreendendo que chegar a um fim seria negar essa palavra que passa por mim para que eu a ofereça a outro como palavra que continua. Como no jogo da vida, arrisco-me na escrita por um texto inconcluso e, assim, experimento a liberdade de mudar-me para um “reino novo” e de entregar-me ao instante. Sigo uma verdade latente que não quero comprovar, pois

nesse momento não me deixo guiar pela razão — “Bem sei que terei que parar. Não por falta de palavras mas porque estas coisas e sobretudo as que só penso e não escrevi — não se dizem” (p.87).

Chego ao limiar da minha escrita com a palavra nas mãos e um vazio à minha frente...

... Agora de madrugada estou pálida e arfante e tenho a boca seca diante do que alcanço. A natureza em cântico coral e eu morrendo... (p.41).

Alguns minutos mais e cumprir-se-á o rito.

Alguns minutos mais e cumprir-se-á o rito.

... ao amanhecer eu penso que nós somos os contemporâneos do dia seguinte... (p.43).

Purificada, sinto o “outro” e a mim como totalidade — como essência. Em estado de comunhão estou...

... Nós temos que ser dois. Para que o trigo fique alto... (p.43).

— Aleluia?

— Sim. Aleluia!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura*. Barcelona, Ariel, 1962.
BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Lisboa, Edições 70, s/d.
BRANCO, Lúcia Castello. A (im)possibilidade da escrita feminina. O eixo e a roda. *Revista de Literatura Brasileira*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 4, 1985.
LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. 7.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d.
MIRANDA, Wander Melo. *Água viva*: auto-retrato (im)possível. In: *Ensaio de semiótica 10*. Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 1983.
NUNES, Benedito. O mundo imaginário de Clarice Lispector. In: *O dorso do tigre*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
SOUZA, Gilda de Mello. O vertiginoso relance. In: *Exercícios de leitura*. São Paulo, Duas Cidades, 1980.
WALDMAN, Berta. *Clarice Lispector*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

⁵LISPECTOR, Clarice. Op. cit. p.20.

⁶Id. Ibid. p.22.